

O Oeste multiétnico e a estética da violência em *Meridiano de Sangue*, de Cormac McCarthy

Mikael de Souza Frotaⁱ

Lajosy Silvaⁱⁱ

RESUMO

A presente pesquisa analisa o romance *Meridiano de sangue ou O rubor crepuscular no Oeste* (1985), do escritor estadunidense Cormac McCarthy. O objetivo geral deste trabalho é analisar o tema da violência contra minorias étnicas no deserto da região Oeste dos Estados Unidos e do México. Para o melhor entendimento do estudo a ser feito e da perspectiva a ser contemplada, faz-se necessário um estudo sobre o *American West* (Oeste Americano) em duas perspectivas: uma conservadora e outra contemporânea. Analisaremos e confrontaremos os postulados teóricos conservadores sobre o Oeste com a sua nova história (*New Western History*). Reportando-nos ao romance, Cormac McCarthy apresenta a violência dos colonizadores anglo-saxônicos contra os povos que habitavam o Oeste (índios, mexicanos e negros).

Palavras-chave: Oeste; Violência; McCarthy; Literatura.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the novel *Blood Meridian or The Evening Redness in the West* by the U.S. author Cormac McCarthy. The general objective of this research is to analyze the theme of violence against ethnic minorities in the Western region of the desert of the United States and Mexico. For an effective understanding of this study and its perspective, a review of the American West is necessary in two different perspectives: a conservative and a contemporary one. We will analyze and confront conservative theoretical postulates about the American West with its new history (*New Western History*). In what concerns the novel, Cormac McCarthy presents the violence of the Anglo-Saxon settlers against the people who lived in the desert West (Indians, Mexicans and Africans).

Keywords: West; Violence; McCarthy; Literature.

INTRODUÇÃO

ⁱ Professor na Universidade Federal do Amazonas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9015-7508> | mikael.frota@gmail.com

ⁱⁱ Professor no departamento de Língua e Literatura Inglesa na Universidade Federal do Amazonas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0873-8363> | louis.silva1974@gmail.com

Batizado como Charles Joseph McCarthy Jr., Cormac McCarthy é um dos principais autores da literatura dos Estados Unidos e com grande prestígio na área de letras do seu país, além de ser reconhecido mundialmente por seus trabalhos. Romancista, dramaturgo e roteirista, McCarthy é detentor de uma gama dos principais prêmios literários mundiais. O autor possui um estilo de escrita descritivo, cuja associação com a temática da violência, associada a outros elementos encontráveis nas suas obras, garantiram lugares de destaque para o seu acervo de livros publicados.

McCarthy começou a dedicar-se exclusivamente ao seu processo de escrita e de pesquisas aos 48 anos, após ser contemplado com uma bolsa de pesquisa fomentada pela Fundação MacArthur. Através deste auxílio financeiro, o autor se tornou pesquisador exclusivo do Santa Fe Institute. A propósito, foi no instituto, durante os anos de 1980-1985, que Cormac McCarthy iniciou e finalizou uma extensa e minuciosa pesquisa histórica, política e social, na qual culminou na elaboração do seu quinto romance: *Blood Meridian or The Evening Redness in the West* (*Meridiano de sangue ou O rubor crepuscular no Oeste*).

Meridiano de sangue é a obra de Cormac McCarthy com o tom de violência e denúncia cultural, histórica, política e social mais explícito. Através do seu romance, McCarthy expõe e reconstrói os eventos ocorridos no período pós-guerra entre os Estados Unidos e o México e o período pós-Tratado de Guadalupe Hidalgo, quando o México foi obrigado a ceder considerável parte do seu território para os Estados Unidos no século XIX. No entanto, a crítica central da obra de McCarthy está no processo de domesticação do deserto, localizado na região Oeste entre os dois países no período em que o romance está ambientado.

Escrito em 1985 e ambientado entre os anos 30 e 40 do século XIX, o romance apresenta um jovem do Tennessee chamado simplesmente de *kid*, que parte para o Texas e se junta ao Glanton Gang – um grupo de mercenários que, de fato, existiu, e que era conhecido como a gangue que escalpelava índios e quem encontrasse pela frente na região Oeste dos EUA e do México.

A leitura de *Meridiano de sangue* fez-nos questionar a forma de colonização praticada, principalmente pelos anglo-saxônicos em direção ao Oeste estadunidense, promovendo a barbárie e a selvageria. O processo de domesticação do Oeste, por meio

de *Meridiano de sangue*, contradiz, completamente, a *Frontier Thesis* (tese da fronteira) e o mito do Oeste estabelecidos pelo historiador conservador Frederick Jackson Turner (2004a; 2004b).

Percebendo o problema entre o objeto de estudo em questão e as teorias conservadoras de Turner, buscamos pesquisar alguma corrente de estudos que fornecesse uma visão diferenciada, alternativa do passado, no que se refere às terras do Oeste, e dialogasse com a obra de Cormac McCarthy. Foi através desse estudo que encontramos a historiadora e teórica Patricia Nelson Limerick (1987) e a *New Western History* (Nova História do Oeste).

Os estudos de Limerick e da *New Western History* emergiram na década de 1980, com o intuito de superar a visão conservadora e discriminatória da tese de Frederick Jackson Turner, ao inserir elementos que foram desgarrados da história oficial no campo dos estudos *Western*, tais como os indígenas, mestiços, mulheres, negros e a natureza da região.

O trabalho que desenvolvemos estabelece contato entre essas duas principais correntes teóricas, ou seja, as teorias conservadoras de Frederick Jackson Turner e as teorias de Patricia Nelson Limerick. Portanto, a didática do artigo obedecerá, em um primeiro momento, a exposição do Oeste sob o ponto de vista conservador de Turner. Posteriormente, analisaremos o Oeste multiétnico de Patricia Nelson Limerick. Por fim, investigaremos o romance *Meridiano de sangue* em diálogo com Limerick, contrapondo à ideia errônea de terras livres no Oeste de Turner e o mito da sua pacífica conquista.

1. O OESTE CONSERVADOR DE FREDERICK JACKSON TURNER

Há duas vertentes diferentes para explicar o desenvolvimento da história dos Estados Unidos. A primeira delas afirmava que a origem do mundo anglo-saxônico estava na Alemanha, e os Estados Unidos eram como uma continuação da sociedade que se desenvolveu na Inglaterra. A segunda afirmava que o desenvolvimento estadunidense explicava-se por conta do conflito econômico entre o Norte e o Sul do país e do fim da escravidão. Assim, com o Norte vencedor após a guerra civil, o sucesso econômico do país ficava mais evidente.

As duas vertentes foram superadas na historiografia e no imaginário estadunidense pelo historiador Frederick Jackson Turner no ano de 1893. A relevância das suas obras configura-se ainda hoje como uma importante referência conservadora da interpretação da democracia dos Estados Unidos. Turner ganha atenção e importância no círculo acadêmico após a leitura do seu ensaio “The Significance of the Frontier in American History” (1893) no congresso dos historiadores da American Historical Association (Associação Americana de História), sediado na Universidade de Chicago no mesmo ano.

Turner inicia seu principal ensaio afirmando que “a história americana foi em grande medida a história do Grande Oeste” (TURNER, 2004a, p. 23). Isto significa que parte do desenvolvimento dos EUA pode ser explicado a partir da análise da colonização nessa região, da busca de uma “área de terra livre” (p. 23). Essa referida área de terra livre é assinalada por sua diferença conceitual se comparada ao modelo de desenvolvimento social europeu, pois que o Oeste é a terra do *wilderness* e que precisa ser domesticada. Dessa forma, a colonização, para o autor, nada mais foi do que a expansão da “civilização” que atravessou o país, do Leste para o Oeste, ligando por terra os oceanos Atlântico e Pacífico. O teórico explica que do século XVIII até o XIX, a região Oeste dos Estados Unidos foi ganhando os mesmos padrões de civilização do Leste de acordo com os novos tipos de colonizadores que por lá passaram. Década após década, os pequenos povoados estabelecidos pelos europeus começaram a crescer. Assim, para o autor, “o Oeste começava a evoluir” (2004a, p. 27).

Os estágios da “evolução” do Oeste propostos por Turner começam a se desvincular da costa Leste dos EUA no século XIX, quando as “minas de sal do Kanawha e de Holston e do Kentucky e de Nova York central” (TURNER, 2004a, p. 37) e as minas de cobre e de ouro em Utah e na Califórnia são descobertas. Turner ainda apresenta outras razões que impulsionaram as constantes invasões europeias por aquelas terras: “A exploração de animais selvagens levou caçadores e mercadores para o Oeste, a exploração dos pastos levou o rancheiro para o Oeste e a exploração do solo virgem dos vales dos rios e dos prados atraíram o lavrador” (p. 38).

Em um segundo ensaio intitulado “O problema do Oeste”, Turner (2004b, p. 55) inicia seu trabalho indagando o leitor sobre o que foi o Oeste e o que ele representava na vida dos estadunidenses. Para ele, o Oeste era “uma forma de sociedade, mais do que uma área” (p. 55) e uma terra selvagem e de costumes primitivos, isto é, fora dos padrões

considerados civilizados do Leste dos Estados Unidos. Ele representava liberdade, oportunidades de uma vida melhor, crescimento do país, novos ideais e o renascimento da sociedade estadunidense. A formatação social do Oeste foi construída, e por várias vezes reconstruída, ao longo do século XIX, “com a combinação de instituições e ideais antigos e com a influência transformadora de terras livres” (p. 55).

A democracia do Oeste, segundo Turner, incluía a liberdade individual, assim como a igualdade. O Oeste também era sinônimo de oportunidade:

A democracia do mais novo Oeste está profundamente marcada pelos ideais trazidos por esses imigrantes do Velho Mundo. Para eles, a América não era apenas um novo lar; era uma terra de oportunidades, de liberdade, de democracia. Significava para eles, assim como para os pioneiros americanos que os precederam, a oportunidade de destruir os grilhões das castas sociais que os acorrentavam em suas antigas práticas, traçar para si próprios, num novo país, um destino proporcional às forças que Deus lhe deu, a chance de abrigar as suas famílias sob melhores condições e conquistar uma vida melhor do que a vida que deixaram para trás. (TURNER, 2004b, p. 88)

Reportando-nos aos ensaios de Turner, pudemos identificar dois problemas: o primeiro engloba o projeto capitalista e político dos novos habitantes do Oeste quanto a aquisição, exploração e venda de uma terra que não pertencia aos colonizadores e nem ao Estado. Ao referenciar dados do censo da sua época no seu primeiro ensaio, Turner assume que haviam terras indígenas no Oeste e que elas foram “conquistadas” através de inúmeras batalhas contra os nativos. Isso nos faz pensar na contradição da afirmação “área de terra livre” que o autor utiliza para referir-se ao Oeste, fazendo-nos afirmar que, diante de uma terra indígena habitada e de constantes ataques contra esses povos, houve usurpação de propriedade cometida através de violência contra os nativos, sustentada pelo governo dos Estados Unidos em prol de uma farsa imperialista cunhada em uma crença defasada de um destino de divindade.

A segunda problemática também é uma contradição relacionada à evolução do Oeste, no que se refere aos mesmos padrões de organização social advindos do Leste mencionado pelo teórico no segundo ensaio. O próprio Turner ratifica que o problema do Oeste são as antigas instituições e ideais que os homens do Leste queriam estabelecer no interior dos Estados Unidos até a costa Pacífica. O teórico também considera o fim da colonização do Oeste, no final do século XIX, justamente ao afirmar a intromissão científica e industrial dos representantes políticos da costa Leste.

Frederick Jackson Turner analisa o Oeste através de um ciclo de “conquistas” e dos diferentes tipos de migrações que se expandiram até a costa Pacífica. O Oeste, na concepção de Turner, era visto como um processo que passou por diferentes estágios e não como uma região multiétnica com pessoas de diferentes procedências.

2. O OESTE MULTIÉTNICO DE PATRICIA NELSON LIMERICK

O pensamento de Frederick Jackson Turner sobre o Oeste começa a ser revisado a partir da década de 1960, após as transformações consequentes à Segunda Guerra Mundial e aos movimentos por direitos civis nos Estados Unidos. No entanto, a crítica e revisão à tese de Turner concretizam-se em 1980 com as pesquisas de Patricia Nelson Limerick e seus estudos revisionistas sobre o Oeste. As investigações sobre o Oeste também ganham uma nova nomenclatura e são rebatizadas como a *New Western History* (Nova História do Oeste).

Patricia Nelson Limerick critica a ausência de outros grupos no Oeste além dos WASPs (White, Anglo-Saxon Protestants), isto é, o grupo de ascendência britânica que detinha poderes econômicos, políticos e culturais nos Estados Unidos. No seu livro *The Legacy of Conquest* (1987), a autora constrói um novo modelo explicativo sobre o Oeste para substituir a velha “Tese da Fronteira” por todos os significados racistas e nacionalistas e por uma falta de definição precisa da fronteira e do Oeste. Limerick conceitua o Oeste como um lugar e não como um processo e ressalta que não existe um velho ou novo Oeste, mas sim um único Oeste. Por fim, ela também busca recuperar a experiência de elementos e personagens desgarrados da narrativa tradicional, como os povos nativos da região, que ajudaram a moldar o Oeste, bem como suas relações com a natureza. Isto posto, o Oeste, para a teórica,

tem seu próprio significado regional. [...] a presença da maioria das reservas indígenas do país; a proximidade com o México; portos que abrem para a bacia do Pacífico e da Ásia; dependência da extração de recursos naturais; o processo de conquista em um período em que a nação americana estava totalmente formada e totalmente autoconsciente; a associação da região com uma variedade potente e persistente de mitos nacionalistas; a aridez de muitas áreas: todos esses fatores dão ao Oeste Americano o seu próprio e verdadeiro significado histórico. (LIMERICK, 1987, p. 30)¹²

A citação da autora elenca diferentes fatores que, juntos, ajudaram a moldar o Oeste dos Estados Unidos. Distinguindo-se de Frederick Jackson Turner, a preocupação de Limerick é mostrar que a narrativa do outro historiador, na qual os conflitos eram camuflados em prol de uma história pacífica, estava, mais do que errada, tomando o lado do mais forte e desconsiderando o que já havia na região. Limerick explica a combinação desses fatores da seguinte forma:

Primeiro, o Oeste Americano era um importante ponto de encontro, o ponto de interseção entre Índios Americanos, Latino-Americanos, Anglo-Americanos, Afro-Americanos e Asiáticos. [...] Segundo, os andamentos da conquista vincularam esses diversos grupos na mesma história. Felizmente ou não, minorias e majorias ocuparam um terreno em comum. [...]. A história do Oeste tem sido uma competição contínua pela legitimidade – pelo direito de reivindicar em causa própria e, às vezes, para um grupo de recursos legítimos de beneficiários. Essa interseção da diversidade étnica com a alocação de propriedade unifica a história do Oeste. (LIMERICK, 1987, p. 27)³

Limerick deixa claro na citação que a terra sempre existiu e que foi palco para o encontro dos nativos com os sucessivos invasores. Os colonizadores precisavam legitimar-se naquela terra, e os nativos sofreram com os métodos de legitimação aplicados por eles. Desde as primeiras invasões europeias, os povos originários foram obrigados a se adaptar, dentro da própria terra, aos costumes estrangeiros. Os processos de adaptação estendem-se com as novas hordas migratórias. A terra indígena era um negócio lucrativo para os Estados Unidos, por conta dos seus recursos naturais e da valorização que ela sofria conforme o número de imigrantes aumentava pela região.

Os métodos de reivindicação e de legitimação dos colonizadores da terra foram de violência extrema. Patricia Nelson Limerick, no sexto capítulo de *The Legacy of Conquest*, intitulado “The Persistence of Natives”, centraliza seu estudo na adaptação e na resistência indígenas diante dos atos de usurpação territorial dos colonizadores. As personagens principais do capítulo são os nativos. Limerick ainda argumenta no capítulo que os nativos não só foram completamente exterminados, como as marcas da invasão à qual foram submetidos ainda estão vivas por todo o Oeste:

Por séculos na América do Norte, Índios têm alterado costumes, falas e bem materiais; depois que os brancos entraram em cena, os Índios continuaram a se adaptar [...]. Ao contrário da imagem de um índio puro e imutável, os índios atuais mudaram e ainda assim permanecem distintos. (LIMERICK, 1987, p. 188)⁴

Maximizando o raciocínio da autora, os colonizadores norte-americanos estereotiparam os nativos como intocáveis, selvagens e não adeptos a mudanças. Através dessa rotulação, o homem branco sentia-se responsável por mudar os costumes desses povos. Dessa forma, acharam-se no direito de serem os encarregados legais dos nativos no que se referia à caça, às trocas e vendas de couro e à terra. Por mais que os nativos contradissem os estereótipos aplicados a eles, os colonizadores jamais os reconheceriam como um dos seus.

Limerick é enfática na sua crítica quanto à usurpação de terra e a “libertação” dos indígenas de suas características supostamente pagãs e selvagens. Para ela, “toda a compreensão e tolerância cultural do mundo não teriam mudado o fato crucial de que os Índios possuíam a terra e de que os Euro-Americanos a queriam” (LIMERICK, 1987, p. 190)⁵ e que a “libertação” dos índios do suposto paganismo e selvageria era uma estratégia para “liberar suas terras e seus recursos também” (p. 191)⁶.

A violenta expansão territorial dos Estados Unidos continuava, e o pequeno e limitado Território Indígena, isto é, a reserva localizada no meridiano 98 e onde os sobreviventes da remoção foram amontoados, logo foi substituído por áreas ainda menores Oeste adentro. Limerick (1987, p. 197) explica que, em 1887, o Dawes Act (Ato de Dawes), ou seja, uma declaração de loteamento geral assinada pelo governo estadunidense, fragmentaria a reserva indígena em múltiplos lotes de terras. Com a aprovação dessa determinação, os nativos perdiam por completo a terra que um dia fora deles, pois o ato reforçava que “as terras que sobraram depois dos loteamentos eram para serem vendidas aos brancos” (p. 197)⁷.

O problema do indígena, ou a persistência dos nativos, como a autora intitulou seu capítulo, para o governo estadunidense continua com o passar do tempo. Conforme aponta Limerick,

em diferentes fases da história e em diferentes modos de profecias, os brancos previram a mesma solução para ‘o problema do Índio’: um desaparecimento melancólico por doença, guerras e desmoralização, [...] o que tornaria os Índios apenas mais uma minoria. (LIMERICK, 1987, p. 211)⁸

O romance *Meridiano de sangue* apresenta os anglo-saxônicos como os principais responsáveis pela selvageria descontrolada nas regiões desérticas do Oeste estadunidense e mexicano contra as consideradas minorias étnicas. Cormac McCarthy ficcionaliza a

violência do Estado norte-americano como ferramenta política de domesticação espacial e cultural, temática que será analisada na próxima sessão deste texto.

3. A ESTÉTICA DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MINORIAS ÉTNICAS NO OESTE EM *MERIDIANO DE SANGUE*, DE CORMAC MCCARTHY

Cormac McCarthy reconstrói os principais acontecimentos da violenta invasão do Oeste na parte Sul dos Estados Unidos entre os anos 30 e 40 do século XIX. O autor desconstrói a narrativa de Frederick Jackson Turner sobre a domesticação e o desenvolvimento do Oeste através do seu romance *Meridiano de sangue*. McCarthy ficcionaliza a natureza adversa da região, as distâncias enormes a serem percorridas pelos colonizadores e a violência das guerras contra os indígenas e mexicanos (estes como parte integrante da suposta “conquista” do Oeste).

O leitor de *Meridiano de sangue*, nas palavras de Willard P. Greenwood (2009, p. 51), é “instantaneamente chamado a testemunhar [...] os horríveis elementos da expansão para o Oeste que repudiam versões benignas da história da América”⁹. Steven Shaviro (2009, p. 10), ao reportar-se a *Meridiano de sangue*, menciona que “em tudo neste livro, a morte deixa para trás seus memoriais, seus troféus e seus fetiches”¹⁰. O crítico acrescenta que “toda a devastação relatada em *Meridiano de sangue* ocorre em um espaço e tempo ritual” (p. 19)¹¹ e finaliza seu estudo sobre a obra afirmando que “tudo em *Meridiano de sangue* é violência e sangue, morte e destruição” (p. 20)¹². Contudo, as principais temáticas exploradas por Cormac McCarthy, conforme observado por Shaviro, não são resultados de uma simples coincidência. O Oeste precisava ser desenvolvido de acordo com a idealização de um paraíso edênico na perspectiva dos colonizadores. Os povos originários da região, os habitantes da fronteira com o México e outros elementos naturais deveriam ser dizimados. Assim, não existiram narrativas que questionassem ou testemunhassem os métodos de violência que ajudaram a moldar o Oeste dos Estados Unidos, semelhante à tese da fronteira de Turner.

Outro crítico da literatura de McCarthy, Steven Frye (2009, p. 10), ao tratar de *Meridiano de sangue*, pontua que a obra é “inflexível em seu relato revisionista das realidades mais sombrias da expansão para o Oeste, já que a gangue de Glanton começa

a atuar com um mandato legal para pegar escalpos e ajudar a reprimir a terra estrangeira”¹³.

Harold Bloom (2009, p. 2), ao reportar-se a *Meridiano de sangue*, acentua que “nenhuma das carnificinas é gratuita ou redundante”¹⁴ no romance. Cada ato de barbárie e selvageria dos saxônicos tem um propósito bem definido por eles e pela república que decidiram defender. Elizabeth Andersen (2008, p. 88) considera o romance “uma alegoria da trágica busca do homem pela autodeterminação governada por uma ideia de destino predestinado”¹⁵.

Percebemos, com a leitura do romance, que o Oeste esconde elementos advindos do Leste que não conseguiram regenerar suas vidas, costumes e fortunas. A ideia de terra das oportunidades ganha tonicidade com o incentivo das marchas progressivas para o interior dos Estados Unidos. Contudo, conforme exposto em um recorte da obra de McCarthy, kid, na sua primeira viagem solitária pelo deserto, encontra um velho eremita. Os dois conversam e, diante de uma tempestade, kid passa a noite com o velho em uma caverna. O eremita parece amigável, até mostrar um “coração de homem, seco e enegrecido” (MCCARTHY, 2009, p. 24), e bruscamente reflete:

Tem quatro coisas que podem destruir o mundo, disse. Mulher, uísque, dinheiro e negros.

Ficaram em silêncio. O vento uivava no pedaço da chaminé enfiado através do teto para expelir a fumaça. Depois de uns instantes o velho deixou o coração de lado.

Esse *negócio* me custou duzentos dólares, disse.

Deu duzentos dólares nisso aí?

Dei, pois *era o preço que puseram no preto filho da puta onde isso ficava dentro*. (MCCARTHY, 2009, p. 24, grifos dos autores)

“Negócio”, “nisso aí”, “isso” e o adjetivo utilizado para se referir ao negro, “preto filho da puta”, destacam a forma de desprezo com que os dois discutem sobre o valor pago pelo homem negro ter seu coração arrancado. A conversa entre os dois prossegue e o eremita continua sua reflexão desiludida ao se confessar um transgressor:

O velho balançou a cabeça para trás e para frente. É duro o caminho do transgressor. Deus fez este mundo, mas não o fez bom para todos, não é?

Não parece que pensava muito em mim.

Sei, disse o velho. Mas onde chega o homem com suas ideias. Que mundo já viu de que gostasse mais?

Posso imaginar muito lugar melhor e muita vida melhor.

Consegue fazer existir?

Não. (MCCARTHY, 2009, p. 25, grifo dos autores)

Analisando a conversa entre os dois, percebemos que kid segue pelo caminho da transgressão, porém não desiludido como o velho eremita. A ilusão de kid é de um lugar melhor e com uma vida melhor da que tivera até esse ponto da narrativa. Entendemos também que kid é movido pelo gosto da aventura e da violência, ou seja, de explorar o desconhecido, desbravá-lo e superá-lo. Sua jornada como transgressor pelas regiões áridas do Oeste é o que nos interessa como categoria de análise em *Meridiano de sangue*.

As viagens de kid pelo deserto mostram as atrocidades da guerra entre Estados Unidos e México na região de fronteira entre os dois países. Agora, o cenário de brutalidade das tropas estadunidenses é uma igreja abandonada com vários mortos na sacristia:

Dentro do lugar havia uma mesa de madeira com alguns potes de cerâmica e ao longo da parede do fundo jaziam os restos de vários corpos, entre eles uma criança.

[...] A fachada do edifício abrigava *uma série de santos em seus nichos que haviam sido alvejados por tropas americanas experimentando rifles, as estátuas mutiladas sem orelhas e narizes* e a pedra delas mosqueada de manchas escuras de chumbo oxidado. As imensas portas entalhadas e almofadadas pendiam frouxas das dobradiças e *uma Virgem de pedra esculpida segurava no colo um menino sem cabeça*. (MCCARTHY, 2009, p. 32-33, grifos dos autores)

Analisando os trechos destacados e retornando à contextualização histórica, entendemos que a guerra dos colonizadores não era apenas para adquirir terras do país considerado inimigo a Oeste; ela era também uma guerra contra costumes e crenças. O Deus dos mexicanos e dos nativos não era o mesmo dos colonizadores, e exterminar quaisquer resquícios dessas crenças era uma das missões desses soldados.

Kid parte para uma missão suicida ao comando do Capitão White. Até o encontro com White, kid não sabia dos planos imperialistas dos Estados Unidos de uma nova nação surgindo através da invasão do Oeste. A propósito, o grupo comandado por White era um dos vários grupos de milícias contratados pelo governo estadunidense para fazer uma limpeza étnica na região desértica do país e deixar a área de terra livre, em alusão à expressão criada por Frederick Jackson Turner, para a consolidação da colonização. No que se refere às terras que ainda não pertenciam aos Estados Unidos, Capitão White é bem enfático ao afirmar que:

Lutamos por aquilo. Perdemos amigos e irmãos ali. E então por Deus se não entregamos tudo volta. De volta para um bando de bárbaros que até o mais parcial a favor deles vai admitir que não têm ideia neste mundo de Deus do que seja honra e justiça ou do significado de um governo republicano. Um povo que de forma tão covarde vem pagando tributo por cem anos a tribos de selvagens nus. Cidades inteiras abandonadas. Enquanto uma horda de pagãos varre a terra saqueando e matando em total impunidade. (MCCARTHY, 2009, p. 40)

Capitão White, ao se referir às terras, aborda de forma indireta o Tratado de Guadalupe Hidalgo, a partir do qual o México foi obrigado a ceder parte do seu território a extremo Oeste para os Estados Unidos. Contudo, conforme exposto na citação, os povos originários continuavam a habitar a região e impediam o almejado progresso dos colonizadores. A citação também reforça a tese de Patricia Nelson Limerick, no que se refere ao Oeste como um lugar multiétnico, uma vez que o Capitão White faz menção a outros habitantes na região além dos colonizadores.

Em outro momento da conversa entre White e Kid, o capitão deixa claro que, independentemente do tratado feito entre México e Estados Unidos, os planos dos estadunidenses era o de invadir e tomar as terras mexicanas:

Estamos lidando aqui é com uma raça de degenerados, disse. Uma raça de mestiços, não muito melhor que negros. E talvez nem isso. Não existe governo no México. Diabo, não existe Deus no México. Nunca vai existir. A gente está lidando com um povo absolutamente incapaz de se governar sozinho. E sabe o que acontece com povos que não conseguem se governar sozinhos? Isso mesmo. Outros vêm e governam por eles. (MCCARTHY, 2009, p. 41)

O grupo de milícia do Capitão White chega ao fim quando eles se deparam com uma horda de índios comanches. Com tom de indiferença e superioridade, ele diz para o seu grupo: “Pode ser que a gente ainda tenha um pouco de ação por aqui antes do dia acabar” (MCCARTHY, 2009, p. 58). Precisamos elucidar que a violência contra o homem branco tornou-se para os povos originários sua principal forma de resistência contra os constantes e sucessivos ataques e invasões de terras, uma vez que esses grupos de milícias exterminavam todos os seres que não se encaixavam na sua cultura dominante.

Percebemos com a narrativa de *Meridiano de sangue* que o Oeste não era uma “área de terra livre”, conforme Frederick Jackson Turner afirma na sua tese. Kid transita sozinho por cidades e vilas povoadas na fronteira com o México e no deserto estadunidense. Apesar da impressão de abandono desses lugares, há um tipo de vida e organização social no Oeste que Turner simplesmente ignora nos seus estudos. Queremos

dizer que, antes da invasão dos colonizadores, os povos originários já possuíam identidades, culturas e costumes. A herança cultural desses povos influenciou o desenvolvimento histórico, político, social e cultural do México. Rebaixar e anular a história cultural e social desses povos, como ficcionalizado por McCarthy no discurso do Capitão White, era o principal projeto para a efetivação da colonização do Oeste.

A primeira parte do romance localiza e elucida o leitor sobre os principais acontecimentos políticos e ideológicos que cercam o Oeste e também contém descrições detalhadas de diferentes espaços da região. A partir deste ponto da pesquisa, analisaremos a brutalidade praticada pelos membros da Glanton Gang na segunda parte do livro. A estética da violência abordada para analisar recortes específicos acentua o tom de denúncia de Cormac McCarthy, uma vez que seus personagens mimetizam os interesses do Estado norte-americano e pessoais dos colonizadores. Dessa forma, destacamos dois membros da gangue: o líder, John Joel Glanton, e o Juiz Holden.

A descrição da retirada do primeiro escalpo cometida pela gangue em *Meridiano de sangue* acontece quando eles encontram uma frágil e velha senhora quase morta em uma cidade desolada no México. Glanton assusta-se com as condições da senhora: “Nem coragem, nem proteção nos olhos velhos. Ele apontou com a mão esquerda e ela seguiu sua mão com o olhar e ele pôs a pistola em sua cabeça e disparou” (MCCARTHY, 2009, p. 105). Após o assassinato, Glanton pede a um integrante do seu grupo para pegar o “comprovante” de que o serviço havia sido executado:

McGill, disse.
Um mexicano, único de sua raça entre aquela companhia, avançou.
Pega o recibo pra nós.
Ele puxou uma faca de esfolar do cinto e se encaminhou na direção da velha e agarrou a cabeleira e com uma torção de pulso passou a lâmina da faca em torno do crânio e arrancou o escalpo. (MCCARTHY, 2009, p. 106)

A prática de escalpo era um negócio lucrativo para as gangues. Contratos eram feitos entre os mercenários e os governadores das cidades de fronteira. O negócio ilegal para retirada de escalpos dos povos originários estendeu-se contra os mexicanos também, conforme o trecho supracitado. Ademais, quando retornavam dos seus serviços, os mercenários eram recebidos como heróis.

Centenas de moradores espremiavam-se em volta quando os escalpos secos foram contados sobre as pedras. Soldados com mosquetes mantinham a

multidão para trás e as moças observavam os americanos com imensos olhos negros e garotos se aproximavam rastejando para tocar os troféus macabros. Havia cento e vinte e oito escalpos e oito cabeças e o lugar-tenente do governador e sua comitiva desceram para o pátio a fim de lhes dar as boas-vindas e admirar seu feito. Prometeram-lhes todo o pagamento em ouro a ser feito durante o jantar em sua homenagem [...] e com isso os americanos soltaram um viva de aprovação e voltaram a subir nos cavalos. (MCCARTHY, 2009, p. 178)

Os mercenários participam de diversos massacres. A violência contra tribos indígenas, mexicanos, negros e até mesmo contra outros grupos de europeus que tentavam a sorte por aquelas terras em direção a Califórnia é descontrolada. Em outro momento de perseguição aos povos originários, padre Tobin descreve a primeira experiência dele ao lado do Juiz Holden na caça por nativos:

Estava com pistolas enfiadas no cinto atrás das costas e puxou cada uma com uma mão [...] e aí começou a matar índios. Não precisou pedir duas vezes. Deus, foi uma carnificina. Na primeira descarga matamos uma dúzia e não houve mais trégua. Antes que o último pobre-diabo de um negroide rolasse pro fundo da encosta já tinha cinquenta e oito deles massacrados no meio dos pedregulhos. Eles simplesmente escorregavam pela vertente como a limpadura numa canoura, uns virando desse lado, outros do outro, e se amontoando como uma cadeia humana na base da montanha. A gente apoiou o cano dos rifles no enxofre e derrubamos mais nove correndo na lava. Era um tiro ao alvo, é o que era. Todo mundo apostava. O último a ser atingido estava a uma boa fração de quilômetros das bocas das armas e correndo feito um condenado. Foi uma fuzilaria certa pra todo lado e nem um tiro perdido pela tropa com aquela pólvora esquisita. (MCCARTHY, 2009, p. 143)

A narrativa do padre chama atenção pelo tom despretensioso como ele narra a ação dos mercenários. A começar pelo Juiz Holden, através do relato de Tobin temos a impressão de que a gangue estava encurralada e apenas reagiu quando Holden começou a disparar contra os nativos. O que parecia desespero tornou-se diversão para eles e até mesmo apostas de quem matava mais começaram a ser feitas. Contudo, o papel de Holden no enredo de *Meridiano de sangue* não é o de um mero incentivador. Ele é o juiz da história de McCarthy e essa titulação não foi direcionada por acaso, pois, nas palavras do próprio juiz, “tudo que na criação existe sem meu conhecimento existe sem meu consentimento” (MCCARTHY, 2009, p. 209).

O principal objetivo de Holden ao se juntar à gangue de Glanton era aproveitar os serviços de extermínio dos mercenários para dizimar qualquer herança ou traço dos povos nativos do Oeste. Ele registrava a geografia, a geologia, a fauna e a flora da região em um pequeno caderno e, ao mesmo tempo, suas ações violentas destruíam-nas conforme

marchava pelo deserto. Quando o juiz começou perceber que os próprios membros da gangue se tornariam testemunhas das atrocidades cometidas nas regiões de fronteira, ele os deixou para morrer no deserto ou, simplesmente, os matou. O único sobrevivente foi kid.

Vinte e oito anos depois, em 1878, tempo este da narrativa em que kid agora é “o homem” (MCCARTHY, 2009, p. 328), os dois reencontram-se em um bordel localizado em uma cidade no nordeste do Texas, agora anexado aos Estados Unidos. Após uma confusão no local, o juiz se dirige ao homem: “Os últimos de verdade. Diria que ficaram todos pelo caminho, tirando tu e eu. [...] E alguns ainda por nascer motivos haverão de ter para amaldiçoar a alma do Delfin” (p. 346). Os dois conversam e o juiz argumenta sobre o destino, o existencialismo, a guerra e a supremacia do homem branco. Na noite seguinte, em meio a uma festa no mesmo bordel, nas latrinas do lugar, Holden o mata, dança e “ele diz que nunca vai morrer” (p. 350).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando chegaram nas terras conhecidas hoje como os Estados Unidos, os colonizadores depararam-se com um ambiente distinto daquele que eles idealizaram, isto é, o paraíso edênico, e com povos nativos da região que já possuíam crenças, culturas e organizações sociais completamente diferentes das deles. Então, os colonizadores passaram a ter um entrave no processo de expansão territorial em direção a região Oeste dos Estados Unidos e foram forçados a reinventar seus destinos e suas histórias após o contato com os índios, os mexicanos, os negros e a natureza.

O movimento de revisão histórica da New Western History, liderado por Patricia Nelson Limerick e potencializado nos Estados Unidos na década de 1980, possibilitou novas interpretações para a história estadunidense através da literatura e das demais ramificações artísticas do país. Limerick ainda argumenta que o processo de colonização que os Estados Unidos passaram é semelhante ao da colonização feita em outros países que receberam invasões europeias. Assim, aumentaram as possibilidades de pesquisas e interpretações sem considerar o discurso do colonizador.

O romance revisionista de Cormac McCarthy aborda uma parte sensível dos pilares fundadores da construção da democracia dos Estados Unidos ocultada pela

historiografia oficial do país, como a tese da fronteira de Frederick Jackson Turner, para fins imperialistas e políticos. *Meridiano de sangue*, portanto, reflete a violenta progressão para o Oeste estadunidense e desdobra sua relevância contra a violência cultural, intelectual e moral que ainda é praticada contra essas consideradas minorias étnicas.

Referências

ANDERSEN, Elisabeth. On *Blood Meridian*. In: ANDERSEN, Elisabeth. *The Mythos on Cormac McCarthy: A String in the Maze*. Tennessee: Lightning Source Inc., 2008. p. 88-111.

BLOOM, Harold. Introduction. In: _____. (Org.). *Bloom's Modern Critical Views: Cormac McCarthy*. Nova York: Bloom's Literary Criticism, 2009. p. 1-8.

FRYE, Steven. *Understanding Cormac McCarthy*. South Carolina: University of South Carolina Press, 2009.

GREENWOOD, Willard P. *Blood Meridian*. In: GREENWOOD, Willard. *Reading Cormac McCarthy*. California: Greenwood Press, 2009. p. 49-54.

LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. The Unbroken Past of the American West. New York: W. W. Norton & Company, 1987.

MCCARTHY, Cormac. *Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste*. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.

SHAVIRO, Steven. The Very Life of Darkness. In: ARNOLD, Edwin T.; LUCE, Dianne C. (Ed.). *Perspectives on Cormac McCarthy*. Jackson: University of Mississippi Press, 2009. p. 145-158.

TURNER, Frederick Jackson. O significado da fronteira na história Americana. In: KNAUSS, Paulo. (Org.). *Oeste Americano; quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: EdUFF, 2004a. p. 23-54.

TURNER, Frederick Jackson. O problema do Oeste. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: EdUFF, 2004b. p. 55-69.

Recebido em: 09/02/2022

Aceito em: 21/03/2022

¹ Todas as traduções para a Língua Portuguesa foram feitas pelos autores e seguirão acompanhadas de uma nota de fim com os trechos originais.

² Has its own regional significance. [...] the presence of most of the nation's Indian reservation; proximity to Mexico; ports opening to the Pacific Basin and Asia; dependence on natural-resource extraction; the undergoing of conquest at a time when the American nation was both fully formed and fully self-conscious; the association of the region with a potent and persistent variety of nationalistic myth; the aridity of many areas: all these factors give Western America its own, intrinsic historical significance.

³ First, the American West was an important meeting ground, the point of where Indian America, Latin America, Anglo-America, Afro-America and Asia intersected. [...] Second, the workings of conquest tied these diverse groups into the same story. Happily or not, minorities and majorities occupied a common ground. [...] Western history has been an ongoing competition for legitimacy - for the right to claim for oneself and sometimes for one's group the status of legitimate beneficiary resources. This intersection of ethnic diversity with property allocation unifies Western history.

⁴ For centuries in North America, Indians had been exchanging customs, words, and material goods; after white people entered the picture, Indians continued to adapt [...]. Contrary to the image of a pristine, unchanging, pure Indian, actual Indians changed and yet remained distinctive.

⁵ All the cultural understanding and tolerance in the world would not have changed the crucial fact that Indians possessed the land and that Euro-Americans wanted it.

⁶ Liberating their land and resources as well.

⁷ Land left over after the allotments was to be sold to whites.

⁸ In different phases of history and in different moods of prophecy, white people have predicted the same solution to "the Indian problem": a melancholy disappearance through disease, war, and demoralization, [...] which would make Indians just another minority.

⁹ instantly called to bear witness to [...] the horrific elements of westward expansion that repudiate benign versions of America history.

¹⁰ Everything in this book, death leaves behind its memorials, its trophies and its fetishes.

¹¹ All the devastation chronicled in *Blood Meridian* occur in a ritual space and time.

¹² Everything in *Blood Meridian* is violence and blood, dying and destruction.

¹³ Unflinching in its "revisionist" account of the darker realities of westward expansion, as the Glanton Gang begins with a legal mandate to take scalps and assist in quelling the alien land.

¹⁴ None of its carnage is gratuitous or redundant.

¹⁵ An allegory of man's tragic quest for self-determination in a cosmos governed by predestined fate.